

Professores da Faculdade de Educação Física da Unicamp tiveram papel importante na preparação de atletas

Ciência + Paraolimpíadas = recordes

JEVERSON BARBIERI
jeverson@unicamp.br

O resultado histórico obtido pelo Brasil nas Paraolimpíadas de Atenas – o País terminou na 14ª posição no quadro geral de medalhas, conquistando 14 de ouro, 12 de prata e 7 bronze –, não foi uma surpresa. Pelo menos para os professores da Faculdade de Educação Física (FEF) da Unicamp que integraram a comissão técnica e estiveram diretamente envolvidos na preparação dos atletas. Segundo eles, o trabalho científico envolvido no processo foi fundamental na obtenção dos resultados.

Segundo o professor José Júlio Gavião de Almeida, diretor associado da FEF e membro da equipe que esteve nas Paraolimpíadas de Sidney-2000 e Atenas-2004, o trabalho de aproximação entre universidades e centros de pesquisa com o esporte adaptado de alto rendimento, iniciado em 1982 durante as Paraolimpíadas de Barcelona, foi importante para esse significativo salto de qualidade. “Nossa principal preocupação sempre foi a de trabalhar com a troca de conhecimentos e a formação de recursos humanos”, afirma. “A formação de atletas de alto nível foi uma consequência do nosso trabalho”, completa.

Os resultados demonstram um aumento de 50% em relação ao quadro de medalhas de Sydney, quando o país garantiu 22 no total, sendo seis de ouro, dez de prata e seis de bronze. As conquistas de ouro do Brasil mostram o aumento na qualidade das medalhas conquistadas. Os 14 ouros do Brasil representam um aumento de 133% em relação aos conquistados em 2000. Destaque para as equipes de “futebol de 7” (paralisados cerebrais) e “futebol de 5” (para cegos), que conquistaram a prata e o ouro, respectivamente, além do alto rendimento das modalidades judô, atletismo e natação.

De acordo com o professor, a FEF procura se envolver muito mais no programa de pós-graduação, com pessoas que possam oferecer troca de informações levando e trazendo

Foto: Antoninho Perri

O professor José Júlio Gavião de Almeida: troca de conhecimentos



conhecimento adquirido. Um exemplo é o chefe da delegação da equipe paraolímpica brasileira, Alberto Martins da Costa, professor da Universidade Federal de Uberlândia, que fez o doutorado na FEF. “Na área de esporte de alto rendimento, certamente ele trouxe para a universidade um conhecimento de ponta sobre o esporte”, enfatiza.

Outro exemplo é o aluno do programa de doutoramento da FEF, Ciro Winckler, que conheceu o esporte adaptado durante o curso de graduação. Ele é considerado um dos maiores especialistas brasileiros sobre esporte para pessoas portadoras de deficiências. Atualmente é o técnico da equipe paraolímpica de atletismo.

Gavião cita também o técnico da seleção de esgrima, Válber Lázaro Nazareth, que foi aluno de mestrado; o técnico da equipe de judô, Leonardo Mataruna, aluno do doutorado; e o coordenador de natação, Gustavo Maciel Abrantes, aluno do curso de especialização. Trabalhando no Comitê Paraolímpico e na Associação Brasileira de Desportos para Cegos (ABDC) estão Tatiane Miranda e Jonas Freire, ex-alunos de graduação e que ainda mantêm uma relação de intercâmbio com a FEF, além dos árbitros de goalball, Wagner Xavier de Camargo, ex-aluno do curso de Sociologia da Unicamp, com mestrado na Educação Física, e Diego Collete, ex-aluno do curso de graduação.

O mais importante é que, independente de levarem o conhecimento adquirido na Unicamp, são pessoas que trouxeram e ainda trazem um conhecimento atual e vitorioso para a universidade, fator importante que não se encontra em nenhum livro”, observa Gavião. Segundo ele, uma das virtudes desse trabalho, que nem sempre é observada, é a pesquisa. “Os resultados não acontecem a curto prazo, são planejados e envolvem um grande grupo e, portanto, é possível imaginar toda uma geração beneficiando-se do trabalho executado”.

No Brasil e na América do Sul, a FEF é a única instituição a possuir um departamento próprio de Educação Física Adaptada, criado no final da década de 1980, pelos professores Edison Duarte, Paulo Ferreira de Araújo, José Luiz Rodrigues, Ana Isabel Figueiredo Ferreira e Maria da Consolação G. Tavares.

Intercâmbio – O intercâmbio com outras unidades da Unicamp também é fundamental para a progressão dos estudos. No caso da deficiência visual, a FEF trabalha com um grupo de crianças que chegam através do Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação “Dr. Gabriel Porto” (Cepre). Além disso, adultos portadores de deficiência visual são encaminhados pelo setor de oftalmologia do



Integrantes da delegação brasileira paraolímpica: número de medalhas mostra resultado de parceria

Hospital das Clínicas (HC), coordenado pela médica Keila Carvalho, que também tem contribuído para esse intercâmbio. “Seria praticamente impossível atingir nossos objetivos sem o respaldo dessas unidades”, avalia Gavião.

Outro destaque é o médico residente Hesojo Glay, que trabalha no setor de ortopedia do HC. Ele é orientando do professor Alberto Cliquet que, além de médico do Comitê Paraolímpico, é considerado um dos mais importantes pesquisadores de projetos voltados para o desenvolvimento de próteses e equipamentos para paraplégicos e tetraplégicos. Glay tem planos de levar para a FEF indivíduos com lesões medulares para trabalhar especificamente esgrima.

Por ter se destacado também em projetos voltados para deficientes visuais, o Departamento de Educação Física Adaptada da Unicamp acabou estabelecendo um importante vínculo com a Associação Brasileira de Desportos para Cegos (ABDC), considerada por muitos profissionais como a instituição mais ousada e organizada dentro do Comitê Paraolímpico. “A ABDC considerou muito saudável e importante a relação entre as associações esportivas e a universidade”, diz Gavião. Segundo ele, a parceria superou as expectativas. “Os resultados foram extremamente positivos, abrindo espaço para outros trabalhos com outras universidades”.

Na opinião de Benedito Franco Leal Filho, vice-presidente da ABDC e também ex-aluno do curso de graduação em história da Unicamp e do curso de Especialização em Educação Física Adaptada da FEF, o papel de aproximação da universidade com o esporte adaptado é fundamental para o desempenho e para a evolução, na medida em que os critérios estabelecidos possuem um formato profissional. Segundo Benedito, as associações nacionais e o Comitê Paraolímpico têm dado uma ênfase muito

grande nesse laço de proximidade com o trabalho científico.

Divulgação – A maior medalha conquistada pelo Brasil em Atenas, na opinião do professor, foi a divulgação. “A falta de conhecimento gera muito preconceito e isso é uma questão cultural”, avalia. “A partir do envolvimento da mídia, deve haver um crescimento na divulgação do esporte paraolímpico, uma vez que os resultados foram bastante expressivos e saudáveis em termos de desenvolvimento”, completa.

Apesar do feito inédito alcançado pelos atletas brasileiros, Gavião ressalta que os resultados poderão ser melhorados a partir de um planejamento mais adequado, um envolvimento maior de todas as esferas governamentais e, também, de um número maior de pesquisas mostrando a ciência como propulsora desses eventos. No momento, o técnico da equipe de atletismo, Ciro Winckler de Oliveira Filho, aluno de doutorado da FEF, desenvolve no momento

um trabalho de análise dos últimos quatro anos, sobre o desenvolvimento e resultados dos atletas, com o objetivo de publicação.

Oliveira Filho avalia que houve um salto qualitativo do atletismo paraolímpico brasileiro. Segundo ele, basta fazer uma média entre o número de medalhas conquistadas em Atenas e o número de atletas inscritos para a competição. O resultado é de uma medalha para cada competidor da equipe nacional.

O pesquisador acredita que muito em breve a barreira do preconceito diminuirá e a sociedade enxergará apenas o atleta, tendo como uma de suas características físicas a deficiência. “Isso é muito diferente de uma pessoa deficiente que pratica o esporte”, observa. Outro ponto bastante destacado pelo técnico é a influência da mídia, como fator de inclusão social do portador de deficiência no esporte. “Agora já existe um certo conhecimento, uma informação mais completa a respeito do assunto”, finaliza.

Foto: Divulgação



O técnico de atletismo Ciro Winckler de Oliveira Filho: inclusão social do portador de deficiência